

CULTURA, IDENTIDADE E BEM-VIVER: A IMPORTÂNCIA DO PERTENCIMENTO QUILOMBOLA NA CONSTRUÇÃO DA SAÚDE MENTAL

ST2: SAÚDE MENTAL, PARA QUEM? PERSPECTIVAS DE CUIDADO EMOCIONAL, TENSIONAMENTOS DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAL

José Flávio Nunes Marques¹

Centro Universitário Leão Sampaio – UNILEAO
Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es - ANPSINEP

flavio.nunes.marques@gmail.com

Moema Alves Macêdo²

Centro Universitário Leão Sampaio – UNILEAO
Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es - ANPSINEP

moema@leaosampaio.edu.br

Resumo

Esse trabalho objetiva refletir sobre potencialidades comunitárias quilombolas para a promoção de Saúde mental e bem-viver. A saúde mental está intrinsecamente ligada à valorização da cultura, identidade e do bem-viver enquanto dimensões centrais da existência quilombola. O pertencimento étnico-racial, expressado nas manifestações culturais, nos rituais, nas tradições orais e nos modos próprios de organização social, constitui não apenas um marcador identitário, mas também um instrumento de resistência histórica frente às opressões do racismo estrutural e da invisibilidade social. O método de pesquisa foi revisão qualitativa, utilizando revisão narrativa de literatura, com base em autores clássicos e busca na plataforma google acadêmico no primeiro semestre de 2025, utilizando as palavras saúde mental, quilombo e vem-viver. Autores como Fanon (2008) e Ribeiro (2017) destacam que a descolonização da subjetividade e o reconhecimento das raízes culturais são elementos fundamentais para o fortalecimento psíquico de populações historicamente marginalizadas. Assim, o legado dos ancestrais quando transmitido por meio das rezas, danças, culinária, práticas de cuidado e da relação simbiótica com o território contribui de forma significativa para a construção de uma identidade coletiva que sustenta o equilíbrio emocional, a coesão comunitária e o senso de continuidade histórica entre as gerações. A noção de bem-viver (ou bem-estar comunitário), inspirada em princípios da ancestralidade africana e indígena, vai além da saúde individual e contempla o equilíbrio entre o corpo, o espírito, a comunidade e a natureza, conforme apontam estudos de Nogueira (2018) e Mbembe (2016). Ao se reconhecer e se afirmar como quilombolas, os moradores não apenas preservam suas raízes, mas também fortalecem o sentimento de pertencimento entre os jovens, promovendo autoestima, empoderamento e resistência simbólica frente às tentativas de apagamento cultural. Esse fazer étnico-racial, que une memória, tradição e luta política, se configura como um potente fator de proteção da saúde mental, indicando a urgência de políticas públicas e práticas terapêuticas que valorizem o saber comunitário e a cultura como tecnologias de cuidado. Dessa forma, da saúde mental da população quilombola é, antes de tudo, reconhecer e afirmar sua humanidade plena, suas narrativas, seu território e sua forma própria de existir no mundo.

Palavras Chave: Quilombo; saúde mental; potencialidades comunitárias; bem-viver; pertencimento

¹ Graduando em Psicologia (UNILEAO). Integrante da Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es ANPSINEP/CE.

² Orientadora. Professora, supervisora e orientadora de estágio do curso de psicologia da UNILEAO. Docente do

Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde (Mestrado profissional)/UNILEAO. Coordenação estadual e nacional da ANPSINEP. Integrante do grupo Feminista de Pesquisa em Gênero de Masculinidades (GEMA/UFPE). Psicóloga efetiva na SESAU/JN-CE. Doutora em psicologia - UFPE. Mestra em ensino em saúde - UNILEAO. Graduada em psicologia - UFPE

IMPORTANTE: Como compromisso contra o racismo epistêmico, o resumo deverá garantir referenciais de concepções, teorias e epistemologias negras e/ou indígenas, devendo ter ao menos uma referência de trabalhos publicados dos outros Congressos do Artefatos da Cultura Negra.